

# TRADUÇÃO

---



GANDHI, A POLÍTICA E NÓS: A QUESTÃO PELO SUCESSO<sup>1</sup>

Martin Buber

Tradução de Enio Paulo Giachini<sup>2</sup>

*Mas Jesus, sabendo que viriam arrebatá-lo para fazê-lo rei retirou-se de novo, sozinho, para a montanha (Jo 6,15).*

Enquanto Gandhi se encontrava preso, um alto funcionário britânico expressou-se assim a respeito dos tempos recém transcorridos, quando Mahatma recebera do Congresso de Ahmedabad (dezembro 1921) amplos poderes e assim deu o ultimato ao vice-rei (fevereiro de 1922), mas alguns dias depois, quando estouravam as insurreições de Chauri Chaura, recuou: “ele nos impingiu um susto eficiente. Seu programa encheu nossos presídios – não se pode continuar sempre barrar e barrar, sobretudo quando se trata de um povo de 319 milhões. E se eles tivessem dado um passo a mais e tivessem se recusado de pagar impostos – quem sabe onde isso nos teria levado”. O que empreendeu Gandhi foi o mais violento de todos os experimentos que a história do mundo conhece, e faltou bem pouco para que ele tivesse sucesso. *No entanto, se lhe escapou o olhar para as paixões humanas.*

Isso está formulado de forma equivocada. O que “escapou” para Gandhi não foi o olhar para as paixões humanas, mas a disposição de utilizá-las. Na revogação do ultimato se expressam claramente as duas coisas: o olhar existente e a falta de disposição, quando ali a irrupção das revoltas é chamada de um aviso de Deus, “que na Índia ainda não há aquela atmosfera verdadeira e a-violenta, a única que pode justificar a desobediência das massas”. O julgamento definitivo do alto funcionário britânico não significa no fundo que: “Não é possível sucesso político sem visão para as paixões humanas”, mas: sucesso político não é possível sem lançar mão das paixões humanas. Isso porém não é verdade. Mas a partir desse ponto deve-se questionar pela relação de Gandhi com o sucesso político.

<sup>1</sup> BUBER, M. **Werke**: Zweiter Band. Munique: Kösel-verlag, 1962. p. 1081-1107.

<sup>2</sup> Professor de Filosofia na FAE Centro universitário. *E-mail*: enio.giachini@gmail.com

Quase nem dez dias após a revogação, quando a postura de Gandhi na conferência do comitê indiano global em Delhi encontrou forte oposição e ele, “para evitar uma discussão maçante”, teve de renunciar que as designações “verdadeira” e “a-violenta” fossem acolhidas na resolução programática, ele escreve que teria preferido, como fizera muitas vezes antes, permanecer numa pequena minoria: “Sei que a única coisa temida pelo governo é essa maioria imensa a que aparentemente eu dou ordens. Não sabe que os temo mais do que eles próprios. Literalmente estou cansado disso. Iria sentir-me mais seguro em meu fundamento se fosse cuspidor por eles”. E ainda: “e se estou também diante da perspectiva de encontrar-me na minoria *de um voto*, creio humildemente que tenho a coragem de permanecer nessa minoria sem esperança. Essa é para mim a única situação verdadeira”. Essa é sem dúvida a declaração de um homem verdadeiro, e não encontraria com quem compará-lo no ocidente moderno no âmbito da vida pública, a não ser – com toda diferença radical – algumas palavras do americano Thoreau em seu clássico tratado sobre o dever da desobediência civil. Mas é também a declaração de um homem político, isto é, de um homem que busca influenciar na formação das instituições e sua efetividade? Com outras palavras: as palavras citadas de Gandhi são apenas uma declaração contra a mentira na política ou é uma declaração contra a política? Haverá alguma ação política capaz de modificar as instituições, haverá sucesso político sem um séquito de massa majoritária ou minoritária-revolucionária, comandada ou voluntária? Não será verdadeiro e aforismo de Schiller-Ibsen sobre o forte, que diz que é mais poderoso sozinho, ou o solitário, que é o varão mais forte do mundo não é verdadeiro não só moral, ou seja, no âmbito da manutenção pessoal, mas também politicamente, portanto no âmbito da realização social? Será percebido politicamente de maneira diferente quando as massas “seguem” ao solitário forçadas por causa do carisma daquele? Portanto, um seguimento, sem transformação interior, como mostram as palavras de Gandhi sobre seu “medo”, não lhe será suficiente. Ele escreve, “em Ramayana vemos que Rama, quando tudo está preparado para sua coroação, é expulsa para as florestas selvagens”. Ora, na epopeia indiana, Rama, depois de recusar por longo tempo a aceitar o governo, visto que o tempo do exílio precisa ser completado, é finalmente sagrado rei. No entanto, isso já não corresponde a uma esperança política, não corresponde a um âmbito público a ser realizado diretamente pela atuação pública, mas apenas ainda um âmbito religioso. Nenhuma esperança a algum suposto “seguimento”, mas só ainda à conversão.

Na proposição digna de ser pensada “nem um santo nem um político”, Gandhi explica sua posição: “pareço participar da política, mas é assim porque hoje em dia a política nos sufoca como as voltas de uma serpente, das quais não podemos nos soltar, por mais que tentemos. Por isso desejo lutar com a serpente”. E ainda: “Tenho experimentado comigo e com amigos penetrar passando da religião para a política”. Nossa pergunta se modifica mais uma vez; soa agora: é possível introduzir a religião na política, buscando ainda assim um sucesso político?

Religião refere-se a finalidade e caminho, política a metas e meios. A meta política pode ser caracterizada pelo fato de – mesmo no “sucesso” – estar ligada à história quando alcança sua meta. Mesmo nas experiências supremas, a finalidade religiosa permanece o que aponta simplesmente a direção ao caminho mortal; jamais adentra o devir histórico. A história do mundo criado, como é professada pela religião da fé histórica, e a história da pessoa humana, como é professada também pela religião que não tem uma fé histórica, o acontecer na migração da origem para a plenificação, é sustentada por sinais distintos daqueles do sucesso. “A palavra” vence de maneira diferente do que esperam seus sujeitos. A palavra não vence em sua pureza, mas na decomposição; sua fecundidade se realiza na *corruptio seminis*. Aqui não se experimenta nem se contabiliza qualquer sucesso. Mas onde isso acontece na história da religião não vige mais a religião, mas a política religiosa, isto é, o contrário daquilo que Gandhi anuncia: a introdução da política na religião.

Portanto, mais uma vez: será possível alcançar sucesso político com uma ação religiosa?

Não resta dúvidas de que a postura de ser própria de Gandhi é religiosa no mais autêntico sentido. Mas já quando ele fala que “experimenta com amigos” ainda se impõe essa questão dolorosa à reflexão de muitos. Se alguns de seus adeptos mais próximos confirmaram sua palavra diante da justiça, quando Gandhi proclamava seu *slogan* de não violência, eles se manteriam plenamente firmes; se surgisse outro slogan de sua boca, eles seguiriam precisamente a esse. E mesmo os círculos mais distantes do movimento! “Vejo”, escreveu Gandhi depois da conferência de Delhi, “que essa nossa não violência é só superficial... essa não violência parece-me surgir simplesmente de nosso desamparo... poderia provir não violência autêntica e voluntária dessa não violência aparentemente coercitiva do fraco?” São palavras que, mesmo hoje, apesar da grande influência educativa de Gandhi, conservam ainda muito de sua validade.

Enquanto age politicamente, enquanto Gandhi, por exemplo, participa de decisões parlamentares, ele não imiscui a religião na política, mas liga sua religião com a política dos outros. Ele não pode lutar sem parar com a serpente, entretentes

ele tem de fazer acordos com ela, pois ele tem de atuar no reino da serpente, à qual ele se reservou destruir. Ele se nega usar as paixões humanas, mas enquanto agente político está encadeado aos homens “políticos”, aos homens *imutáveis*. A serpente não tem poder apenas fora, mas também dentro na alma daqueles que buscam o sucesso político. Causa admiração como sempre de novo Gandhi, quando a serpente interior se mostra poderosa no movimento, exerce uma autocrítica rigorosa que beira à mortificação e à purificação. Mas ali nós não o seguimos; quando observamos o caráter *trágico* de sua grandeza, sabemos que não é a tragédia de uma contradição interior, mas a da contradição entre a incondicionalidade de um ânimo (*Gemüt*) e a condicionalidade de uma situação, a cuja situação pertencem justo a articulação das massas, da afiliação, e também dos seguidores. É uma tragédia que resiste a todas as tentativas de comparação otimista de primeiro plano; que é superada, mas não de modo diverso daquele do fechamento de uma tragédia grega, quando uma teofania (o assim chamado deus *ex machina*, na verdade, *ex gratia*) soluciona uma fatalidade insolúvel. Mas esse é o passo bem silente, muito lento, muito sinuoso e até não “bem-sucedido” passo da deidade através da história.

Em setembro de 1920, Gandhi disse e escreveu que se o povo indiano mostrar disciplina, autodespojamento, disponibilidade para o sacrifício, capacidade de ordem, confiança e coragem, em um ano alcançaria *Svaraj*, a independência indiana. Três meses depois, questionado por um representante do “Times” sobre como pensava isso, ele respondeu que o povo britânico iria reconhecer a força da opinião pública indiana e também a atroz injustiça que foi cometida contra a Índia em seu nome e disporá a esta inevitavelmente uma constituição, que “corresponde precisamente aos desejos do povo indiano”. A conversa terminou com uma palavra profética de Gandhi: “então o leão repousa junto ao cordeiro”. Não se poderia exprimir melhor o caráter *religioso* daquela expectativa; mas, levado a sério, significa a pressuposição que Gandhi faz para tal, não somente uma postura do povo, mas sua transformação interior; Gandhi nega inconfundivelmente o homem “político”, ao homem imutável, que não se transforma. Mais tarde escreve ele, “se a Índia quiser ser livre, só o poderá com auxílio de Deus. Deus ama os verdadeiros e não violentos”. Mas o amor de Deus não pode ser medido no sucesso. Como atua o amor de Deus, isso compete a ele. Pode-se estar seguro do amor de Deus aos verdadeiros e não violentos, mas não, do alcançar a *Svaraj* dentro de um ano. “Num ano” é um *slogan* político, a solução religiosa deveria soar: algum dia, quiçá hoje, talvez daqui a um século. Na realidade religiosa não há contrato de tempo, e a vitória vem, às vezes, quando já não se pensava mais em consegui-la.

No último período de um ano de espera, Gandhi escreve que “uma *conversão* admirável da Índia à doutrina da não violência deverá preceder o alcance do ‘milagre’ do Svaraj, pelo menos na intenção restrita, isto é, como uma condição indispensável para assegurar a liberdade da Índia”. Mas isso não significará: conversão a uma doutrina religiosa, “pelo menos” em sua forma política? Na doutrina religiosa a não violência continua sendo o caminho para a meta, mesmo quando ela fracassa como meio para um fim. Certamente, ao Gandhi *enquanto agente político* deveria ser suficiente se as massas adotassem a postura correta; mas conversão significa inversão da essência, a mais íntima conversão do modo de sentir.

De certo, se um homem religioso, alguém que leva a sério sua religiosidade por todo lado onde ele se insere, atua no âmbito político, irá introduzir a religião na política. Mas, visto que o caminho para se alcançar o fim religioso é muito dissemelhante quanto à condução da caminhada, a perspectiva, o modo de caminhar, os prazos, por fim, são essencialmente diferentes do alcançar sucesso político em sua imprevisibilidade; em sua obra sagrada de “introduzir” a realidade religiosa, corre o risco de que as categorias se confundam, de que a finalidade se transforme em meta, e que o caminho se torne em meio, que o homem, em vez de pisar nas pegadas daqueles passos de Deus, se exceda, correndo numa corrida cega. Quando a religião se vê ameaçada de ficar na outra ponta de um gelo de isolamento, no qual perde a ligação com a partilha humano-comunitária edificadora no devir do reino, aqui ela se vê ameaçada pela inflamação de um fogo de palha do acionamento voluntarioso (*Getriebes*). Não menos que na grande cidade divina, religião e política irão se fundir numa vida da comunidade universal frente à eternidade, onde não existe mais nem religião nem política.

A prova de fogo da religião é a mais natural das questões, aquela que se refere ao sucesso. Quando ela se afasta da esfera onde a questão é colocada, então, apesar de todos os bens sagrados e sacramentos da encarnação, ela se retira; se ela decair daquela esfera, então a alma terá se perdido.

Como nenhum outro ser humano de nossa época, Gandhi nos mostra a gravidade da situação, a profundidade da problemática, a multiplicidade da frente de batalha, a violência envolta em paradoxo própria da contradição que persiste a toda hora.

Agora, enquanto escrevo isso, o Mahatma se colocou a caminho – uma contrapartida imagético-sensível da fuga do velho Tolstoi. Vê-se que não é uma caminhada política, mas uma peregrinação. Uma peregrinação com objetivo político;

mas entre todos os objetivos políticos, muito provavelmente oculto à consciência da maioria de seus companheiros de viagem, vive o objetivo religioso, onde a recusa de um imposto já não significa um meio na luta contra o governo britânico, mas uma investida no homem, à qual nesse momento mundial será útil experimentar faticamente e na dedicação de si mesmo *quanto* pertence ao imperador (César).

Não creio que no final da peregrinação já se encontre a independência da Índia, mas creio que essa peregrinação codetermina essencialmente como será a compleição do homem de uma Índia independente, quando ou como for que isso seja alcançado, e o que seria Svaraj, se houvesse apenas transformação das instituições e não também do ser humano!